

BestBolso

Agatha Christie

Assassinato  
no campo de

golfe

Uma aventura com  
o detetive Poirot

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# Índice

- Capa
- Formatação
- Créditos
- Dedicatória
- CAPÍTULO I
- CAPÍTULO II
- CAPÍTULO III
- CAPÍTULO IV
- CAPÍTULO V
- CAPÍTULO VI
- CAPÍTULO VII
- CAPÍTULO VIII
- CAPÍTULO IX
- CAPÍTULO X
- CAPÍTULO XI
- CAPÍTULO XII
- CAPÍTULO XIII
- CAPÍTULO XIV
- CAPÍTULO XV
- CAPÍTULO XVI
- CAPÍTULO XVII
- CAPÍTULO XVIII
- CAPÍTULO XIX
- CAPÍTULO XX
- CAPÍTULO XXI
- CAPÍTULO XXII
- CAPÍTULO XXIII
- CAPÍTULO XXIV
- CAPÍTULO XXV
- CAPÍTULO XXVI
- CAPÍTULO XXVII
- CAPÍTULO XXVIII

CONVERTIDO E FORMATADO POR JÚLIO CESAR



<https://www.facebook.com/julioCWmaciel>

julioCWmaciel@gmail.com

(Quem gostou desta formatação, me adicione como amigo no Facebook e veja todos os  
Títulos que tenho disponível)

- Geralmente faço formatações de Livros que ainda não estão no mercado, nos formatos  
EPUB/MOBI -

**CRIME NO CAMPO DE GOLFE**

edição

LIVROS DO BRASIL

Lisboa

Tradução de

FERNANDA FINTO RODRIGUES

Título da edição original inglesa

MURDER ON THE LINKS

1923 by Dodd Mead and Company Inc.



## CAPÍTULO I

### Companheira de Viagem

Julgo haver uma anedota famosa segundo a qual um jovem escritor, decidido a iniciar a sua história de uma maneira suficientemente enérgica e original para atrair e prender a atenção do mais blasé dos editores, escreveu a seguinte frase: «Diabo exclamou a duquesa.»

Por estranho que pareça, esta minha história abre de uma maneira muito semelhante, com a diferença de que a dama que soltou a exclamação não era duquesa!

Foi em princípios de Junho. Eu estivera a tratar de uns assuntos em Paris e regressava no comboio da manhã a Londres, onde ainda residia com o meu velho amigo belga, o ex-detective Hercule Poirot.

O expresso de Calais estava singularmente vazio; no meu compartimento só viajava uma passageira, além de mim. Partira do hotel com uma certa pressa e estava todo atarefado a verificar se não me esquecera de nada quando o comboio partiu.

Até então, mal reparara na minha companheira de viagem, mas naquele momento fui violentamente recordado da sua existência. Levantando-se, brusca, baixou a janela, deitou a cabeça de fora e recolheu-a um momento depois, ao mesmo tempo que praguejava energicamente: Diabo!

Confesso que sou bota-de-elástico. Acho que uma mulher deve ser feminino e não tenho paciência nenhuma para aturar a moderna rapariga neurótica que dança de manhã à noite, fuma como uma chaminé e usa uma linguagem que faria corar uma peixeira de Billingsgate.

Levantei a cabeça, de testa levemente franzida, e deparou-se-me um rosto bonito e atrevido, coroado por um chapelinho vermelho não menos atrevido.

Um denso cacho de caracóis pretos cobria cada uma das orelhas. Calculei que teria pouco

mais de dezassete anos.

Retribui o meu olhar, sem o mínimo embaraço, e fez uma careta expressiva.

Valha-me Deus, escandalizei o amável cavalheiro!

observou dirigindo-se a uma audiência imaginária. Peço desculpa da minha linguagem. É muito pouco feminina e tudo o mais, sim senhor, mas, meu Deus, tenho motivos mais do que suficientes para a utilizar! Sabe que perdi a minha única irmã?

Deveras? murmurei delicadamente. Que pouca sorte!

Ele desaprova! exclamou a jovem. Desaprova-me totalmente, e à minha irmã também o que é injusto no caso dela, pois não a viu!

Abri a boca, mas ela antecipou-se-me:

Não diga mais nada! Ninguém gosta de mim! Irei para o jardim e comerei vermes!  
Estou esmagada!

Refugiou-se atrás de uma enorme revista francesa de banda desenhada. Passados um ou dois minutos vi os seus olhos espreitarem-me

sorratamente, por cima da revista. Não pude deixar de sorrir, mau grado meu, e logo a seguir ela atirou com a revista para o lado e desatou a rir alegremente.

Adivinhei logo que não era tão trombudo como parecia!

afirmou.

O seu sorriso era tão contagioso que dei comigo a fazer-lhe coro, embora não me agradasse nada a palavra «trombudo».

A rapariga era, sem dúvida, tudo aquilo que mais me desagradava, mas isso não justificava que me tornasse ridículo com a minha atitude. Decidi ser menos severo. No fim de contas, ela era decididamente bonita.

Pronto, já somos amigos! declarou a atrevida. Diga que lamenta por causa da minha irmã...

Sinto-me desolado.

Assim é que é um menino bonito!

Deixe-me acabar. Ia acrescentar que, embora me sinta desolado, resigno-me muito bem à sua ausência, afirmo, com uma veniazinha.

Mas aquela donzela de reacções imprevisíveis franziu a testa e abanou a cabeça.

Deixe-se disso! Prefiro o ar de «digna desaprovação».

Oh, a sua cara! «Não é das nossas», dizia. E com toda a razão...

embora sempre lhe diga que hoje em dia é muito difícil distinguir.

Não é toda a gente que sabe diferenciar entre uma mundana e uma duquesa... Pronto, estou a ver que já o escandalizei outra vez! Parece um inocente acabado de chegar da província. Não que isso me desagrade, note. Mais alguns da sua espécie até nos fariam jeito. Detesto um indivíduo, que arma em atrevido, fico furiosa!

Abanou a cabeça, veementemente.

Como é você quando está furiosa? perguntei, a sorrir.

Um autêntico diabinho! Não tenho tento na língua nem .

nos actos! Uma vez quase mandei um tipo desta para melhor.

Sério! Ele não estava a merecer outra coisa, aliás. Tenho sangue italiano... Ainda um destes dias me meto em sarilhos.

Bem, não fique furiosa comigo supliquei comicamente.

Esteja descansado, não ficarei. Simpatizo consigo, simpatizei mal lhe pus os olhos em cima. Mas você mostrou-me uma cara tão desaprovadora que nem me passou pela cabeça que travaríamos amizade.

Mas travámos. Fale-me de si.

Sou atriz. Não... não sou do tipo em que está a pensar, das que almoçam no Savoy cobertas de jóias e aparecem em todos os jornais a dizer que adoram o creme de beleza de Madame Beltrana. Piso o palco desde os seis anos... às cambalhotas.

Perdão? murmurei, intrigado.

Nunca viu crianças acrobatas?

Ah, compreendo!

Sou americana de nascimento, mas passei a maior parte da minha vida em Inglaterra. Agora temos um espectáculo...

Temos?

A minha irmã e eu. Uma mistura de canto e dança, um bocado de conversa e uns pozinhos dos números de acrobacia antigos. Entusiasma-os sempre. Há-de render dinheiro...

A minha nova conhecida inclinou-se para a frente e tagarelou voluvelmente, em termos que, na sua maioria, me eram por completo desconhecidos. No entanto, dei comigo a sentir um interesse crescente por ela. Parecia uma mistura tão curiosa de criança e mulher! Embora perfeitamente conhecedora do mundo e muito capaz, como dizia, de tomar conta de si mesma, havia um não-sei-quê de curiosamente ingénuo na sua atitude simplista para com a vida e na sua firme determinação de se «safar». Aquele vislumbre de um mundo que me era desconhecido não deixava de ter os seus encantos, aos quais se juntava o prazer que me causava ver o seu pequeno rosto iluminar-se enquanto falava.

Passámos Amiens. O nome despertou-me recordações e a minha companheira pareceu possuir um conhecimento intuitivo do que me ia no espírito, pois perguntou: Está a pensar na guerra?

Acenei afirmativamente.

Foi combatente, suponho?

Fiquei ferido duas vezes e acabaram por me considerar incapaz. Durante uns tempos deram-me um emprego meio militar. Agora sou uma espécie de secretário particular de um membro do Parlamento.

Jesus, deve ser preciso ser muito inteligente!

Não é nada. Por sinal, até há muito pouco que fazer.

Em geral despacho-me em duas horas por dia. E ainda por cima é trabalho enfadonho. Confesso que não sei o que faria se não tivesse outros interesses.

Não me diga que coleciona insectos!

Não. Compartilho a casa de um homem muito interessante, um ex-detective belga. Estabeleceu-se como detective particular em Londres e está a sair-se extraordinariamente bem.

É na verdade um homenzinho maravilhoso. Já provou diversas vezes estar com a razão, em casos onde a Polícia oficial falhou.

A minha companheira escutava-me de olhos arregalados.

Que interessante, hem?! Adoro crimes! Vejo todas as fitas de detectives e quando há um assassínio devoro os jornais!

Lembra-se do Caso Styles? (1) A Primeira Investigação de Poirot, 1.º volume desta colecção.

Deixe-me ver... A velhota que foi envenenada, algures no Essex, não foi?

Acenei afirmativamente.

Foi o primeiro grande caso de Poirot. Pode ter a certeza de que, se não fosse ele, o criminoso teria escapado sem castigo.

Foi um trabalho detectivesco excepcional.

Entusiasmado com o assunto, contei o caso do princípio, preparando o caminho para o desenlace triunfante e inesperado.

A rapariga escutava-me fascinada. Efectivamente, íamos tão absortos que o comboio entrou na estação de Calais quase sem darmos por isso.

Valha-me Deus! exclamou a minha companheira.

Onde meti a borla do pó?

Tratou de empoar liberalmente o rosto e depois passou um baton pelos lábios, enquanto observava o efeito num espelhinho de bolso. Sorriu, aprovadora, e guardou o espelho e a caixinha do pó na mala.

Assim está melhor. É um bocado fatigante manter as aparências, mas se uma pequena se respeita tem para consigo mesma o dever de não se desleixar.

Arranjei dois carregadores e descemos para o cais. A minha companheira estendeu a mão.

Adeus. Prometo que de futuro terei mais cuidado com a língua.

Oh, certamente vai permitir-me que a ajude, no barco!

Talvez não siga no barco. Tenho de descobrir se a minha irmã sempre se meteu no comboio, em qualquer outro lado.

Mas agradeço-lhe do mesmo modo.

Voltaremos a encontrar-nos, não é verdade? Eu...hesitei ... quero conhecer a sua irmã.

Rimo-nos ambos.

É muito simpático e eu transmitirei as suas palavras à minha irmã. Mas não creio que nos voltemos a encontrar.

Foi muito amável comigo durante a viagem, sobretudo tendo em conta a maneira como fui atrevida consigo. No entanto, o que o seu rosto exprimiu em primeiro lugar é absolutamente verdade: não sou da sua espécie. E isso causa sarilhos. Eu sei-o muito bem.

O rosto da jovem modificou-se e, por momentos, desvaneceu-se dele toda a despreocupada alegria. Parecia zangado, vingativo.

Portanto, adeus despediu-se, em tom mais ligeiro.

Nem sequer me diz como se chama? perguntei, quando se virou e afastou.

Olhou por cima do ombro, com uma covinha em cada face.

Parecia uma encantadora pintura de Greuze.

Cinderela! respondeu, a rir.

Mal eu imaginava quando e em que circunstâncias voltaria a ver Cinderela,

## CAPÍTULO II

### Um pedido de Socorro

Eram nove horas e cinco minutos quando, na manhã seguinte, entrei na nossa sala comum para tomar o pequeno-almoço.

O meu amigo Poirot, como sempre a pontualidade em pessoa, partia a casca do seu segundo ovo.

Sorriu, ao ver-me entrar.

Dormiu bem, não é verdade? Já se refez da terrível travessia? É maravilhoso, esta manhã foi quase pontual! Pardon, a sua gravata está assimétrica. Permita que a endireite.

Já disse, algures, que Hercule Poirot era um homenzinho extraordinário. Altura, 1,60m; cabeça, ovóide e um pouco inclinada para o lado; olhos que despediam um brilho verde, quando estava agitado; bigode marcial, espetado, e um ar de imensa dignidade! Impecável e janota, de aspecto. Tinha uma paixão absoluta pelo arranjo e pelo asseio. Ver um ornamento mal colocado, ou um grão de pó, ou um leve desarranjo no vestuário de alguém, era uma autêntica tortura para o homenzinho, enquanto não remediava o mal e ficava, então, tranquilo.”

«Ordem» e «Método» eram os seus deuses. Sentia um certo desdém pelas pistas tangíveis, como pegadas e cinza de cigarro, e afirmava que, por si mesmas, jamais permitiriam a um detective resolver qualquer problema. Depois de tal afirmação dava umas palmadinhas na cabeça ovóide, com absurda complacência, e observava, todo satisfeito: «O verdadeiro trabalho é feito aqui dentro. As celulazinhas cinzentas... lembre-se sempre das celulazinhas cinzentas, mon ami.»

Sentei-me no meu lugar e observei ociosamente, em resposta às palavras de Poirot, que uma hora de travessia marítima de Calais a Dover dificilmente mereceria o epíteto de «terrível».

Poirot agitou a colher do ovo, a refutar vigorosamente a minha observação:

Du tout! Se, durante uma hora, uma pessoa experimenta sensações e emoções das mais terríveis, essa pessoa viveu muitas horas! Não diz um dos vossos poetas ingleses que o tempo se conta, não por horas, mas sim por pulsações do coração?

Suponho que Browning se queria referir a algo mais romântico do que o enjoo.

Porque era um inglês, um insular para quem L a Manche não significava nada. Ah, os Ingleses! com nous autres é diferente.

De súbito, empertigou-se e apontou dramaticamente um dedo ao prato das torradas.

Ah, par exemple, c'est trop fort!

É demasiado forte o quê?

Esta torrada. Não vê? Tirou, lesto, a transgressora do prato e estendeu-ma para que a

examinasse. É quadrada?

Não. É triangular? Também não. É sequer redonda? Tão-pouco.

Tem uma forma remotamente agradável ao olhar? Que simetria temos aqui? Nenhuma!

Foi cortada de um pão caseiro, Poirot expliquei em tom brando, tentando acalmá-lo.

Mas Poirot lançou-me um olhar gelado.

Que inteligência a do meu amigo Hastings! exclamou, sarcástico. Não compreende que proibi semelhante pão, um pão feito à toa, informe, que nenhum padeiro deveria permitir-se fazer!

Tentei desviar-lhe o pensamento do assunto: O correio trouxe alguma coisa interessante?

Poirot abanou a cabeça, descontente.

Ainda não li as cartas, mas hoje em dia não chega nada interessante. Os grandes criminosos, os criminosos que trabalham com método, não existem. Os casos que ultimamente me confiaram eram de uma banalidade extrema. Na verdade, estou reduzido a procurar cãezinhos de regaço de damas da moda! O último problema que apresentou algum interesse foi aquela historiazinha do diamante Yardly, mas isso foi... há quantos meses, meu amigo?

Abanou de novo a cabeça, desalentado.

Anime-se, Poirot, a sorte há-de mudar! Abra as suas cartas, ande. Sabe-se lá, talvez esteja uma grande investigação a espreitar no horizonte!

Poirot sorriu e, pegando no bonito corta-papel com o qual abria a correspondência, cortou a parte de cima dos diversos sobrescritos que tinha junto do prato.

Uma conta. Outra conta. Parece que estou a tornar-me extravagante, na velhice. Ah, um bilhete do Japp!

Sim? Arrebitei as orelhas; o inspector da Scotland Yard já nos apresentara mais de uma vez um caso interessante.

Limita-se a agradecer-me, à sua maneira, um pormenorzinho do caso Aberystwyth, para o qual lhe chamei a atenção e que o lançou no bom caminho. Estou encantado por ter podido ser-lhe útil.

Como é que ele lhe agradece? perguntei, curioso, pois conhecia Japp.

Tem a amabilidade de dizer que sou um excelente camaradão, apesar da minha idade, e que foi um prazer para ele ter tido a oportunidade de me deixar colaborar na investigação.

Aquilo era tão típico de Japp que não contive -uma gargalhada.

Poirot continuou a ler placidamente a sua correspondência.

Uma sugestão para que faça uma palestra aos nossos escuteiros locais. A condessa de Forfanock ficará grata se puder ir visitá-la. Outro cãozinho de regaço, sem dúvida.

E agora vamos à última. Ah!...

Levantei a cabeça, pois não me escapara a mudança de tom.

Poirot lia atentamente. Pouco depois passou-me a carta.

Isto é fora do vulgar, mon ami. Leia e veja.

A carta estava escrita num tipo de papel estrangeiro e numa caligrafia ousada e firme:

Vila Geneviève

Merlinville-sur-Mer

France.

Caro senhor:

Estou precisado dos serviços de um detective e, por razões que lhe exporei mais tarde, não desejo recorrer à Polícia local.

Diversas pessoas me têm falado de si e todas as opiniões demonstram que além de ser um homem de franca competência também sabe ser discreto. Não desejo entrar em pormenores numa carta, mas, por causa de um segredo que possuo, temo diariamente pela minha vida. Estou convencido de que o perigo está iminente e, por isso, rogo-lhe que não perca tempo e venha a França. Mandarei um carro esperá-lo a Calais, se me telegrafar a dizer quando chega. Ficar-lhe-ei grato se abandonar todos os casos que tiver em mãos para se dedicar exclusivamente aos meus interesses. Estou disposto a pagar qualquer compensação necessária. Provavelmente precisarei dos seus serviços durante um espaço de tempo considerável, pois talvez o senhor tenha de ir a Santiago, onde passei vários anos da minha vida. Deixo ao seu critério a indicação dos honorários que considerar convenientes.

Garantindo-lhe mais uma vez que o assunto é urgente, sou,

P. T. RENAULD

Debaixo da assinatura havia mais uma linha garatujada à pressa e quase ilegível: Venha, pelo amor de Deus!

Devolvi a carta a Poirot, com o coração a bater mais depressa.

Finalmente! exclamei. Aí tem uma coisa que é com certeza fora do vulgar.

Sem dúvida concordou o detective, pensativo.

Claro que vai...

Poirot acenou afirmativamente, absorto numa meditação profunda. Por fim pareceu

decidir-se e olhou para o relógio.

O seu rosto tornara-se muito grave.

Não há tempo a perder, meu amigo. O expresso Continental parte da estação de Vitória às onze horas. Não se enerve, há muito tempo. Podemos dispor de dez minutos para discutir o assunto. Acompanha-me, n'est-ce pás?

Bem...

Você mesmo me disse que o seu patrão não precisaria de si nas próximas semanas.

A esse respeito não há novidade. Mas Mr. Renauld dá claramente a entender que o assunto é privado.

Ora, ora! Eu cá me encarregarei de Mr. Renauld. A propósito, o nome não me é estranho...

Há um famoso milionário sul-americanu com esse nome.

Apesar do apelido de Renauld creio que é inglês. Não sei se se trata da mesma pessoa...

Sem dúvida que trata. Isso explica a alusão a Santiago, que fica no Chile, e o Chile fica na América do Sul! Estamos a progredir maravilhosamente!

Meu Deus, Poirot, cheira-me a umas boas massas... observei, com entusiasmo crescente. Se formos bem sucedidos faremos a nossa fortuna!

Não deite foguetes antes da festa, meu amigo. Um homem rico só com dificuldade se separa do seu dinheiro. Pessoalmente, já vi um famoso milionário incomodar todos os passageiros de um eléctrico para procurar uma pequena moeda que deixara cair.

Admiti que tinha razão.

De qualquer modo prosseguiu Poirot, não é o dinheiro que me atrai, neste caso. Evidentemente que é agradável ter *carte blanche* nas nossas investigações, pois assim temos a certeza de não desperdiçar tempo. Contudo, neste problema há algo um tanto ou quanto estranho, que desperta o meu interesse. Reparou no *post script*? Que lhe pareceu?

Pensei um momento, antes de responder:

É evidente que ele se dominou enquanto escreveu a carta, mas no fim o auto domínio abandonou-o e, obedecendo a um impulso momentâneo, Mr. Renauld rabiscou essa frase desesperada.

Mas o meu amigo abanou vigorosamente a cabeça.

Está enganado. Não reparou que enquanto a tinta da assinatura é quase preta a do *post script* é muito clara?

E então? perguntei, intrigado.

Mon Dieu, mon ami, sirva-se das celulazinhas cinzentas!

Não salta aos olhos? Mr. Renauld escreveu a carta e, sem a enxugar com o mata-borrão, releu-a cuidadosamente. Depois, não em obediência a um impulso, mas sim deliberadamente, acrescentou as últimas palavras e enxugou a folha toda com o mata-borrão.

Mas porquê?

Parbleu! Para que produzisse em mim o efeito que produziu em si.

O quê?

Mais oui... Para ter a certeza de que eu iria! Releu a carta e não ficou satisfeito, não a achou suficientemente forte.

Fez uma pausa e depois acrescentou em tom suave, tendo no olhar aquela cintilação verde que era sempre sinal de agitação interior:

Por isso, mon ami, porque o post script foi acrescentado conscientemente, a sangue-frio, e não impulsivamente, estou certo de que a urgência é muito grande. Devemos, pois, ir ter com ele o mais depressa possível.

Merlinville... murmurei, pensativo. Creio que já ouvi falar...

É um lugarzinho sossegado, mas elegante. Fica a meio caminho entre Bolonha e Calais e está na moda. Ingleses ricos que desejam sossego .. Suponho que M. Renauld tem uma casa em Inglaterra?

Sim, em Rutland Gate, se a memória não me traiçoa.

E também tem uma grande propriedade no campo, algures no Hertfordshire. Na realidade, pouco sei a seu respeito; não faz grande vida social. Suponho que tem grandes interesses sul-americanos na City e que passou a maior parte da vida no Chile e na Argentina.

Bem, tomaremos conhecimento de todos os pormenores pela sua própria boca. Vamos fazer as malas. Uma pequena maleta para cada um e depois, toca, metemo-nos num táxi para Vitória.

E a condessa? indaguei, a sorrir.

Ora, je m'en fiche! Não deve ser nada de interesse.

Porque está tão certo disso?

Porque se fosse coisa grave ela viria, em vez de escrever.

As mulheres não sabem esperar, Hastings. Lembre-se sempre disso.

Às onze horas partimos de Vitória a caminho de Dover.

Antes de partir, Poirot telegrafara a Mr. Renauld, a informá-lo das horas a que chegaríamos a Calais.

Admira-me que não tenha investido nalguns frascos de remédio para o enjoo, Poirot

observei maliciosamente, ao recordar a nossa conversa do pequeno-almoço.

O meu amigo, que observava ansiosamente o tempo, voltou para mim o rosto carregado de censura.

Esqueceu o mui excelente método de Lavergnier? Pratico sempre o seu sistema. Segundo ele, devemos oscilar, virando a cabeça da esquerda para a direita, respirando compassadamente e contando até seis entre cada respiração.

Ah! murmurei, irónico. Calculo que estará muito cansado de oscilar e de contar até seis quando chegarmos a Santiago, ou a Buenos Aires, ou aonde quer que seja que acabemos por ir parar.

Quells idée! Não se lhe meteu na cabeça que vou a Santiago, pois não?

Mr. Renauld insinua-o na sua carta.

Ele desconhece os métodos de Hercule Poirot. Eu não sou dos que corro para trás e para diante, a fazer viagens e a excitar-me todo. O meu trabalho é feito no interior, aqui bateu significativamente na testa.

Como de costume, a observação excitou a minha faculdade argumentativa:

Tudo isso está muito bem, Poirot, mas parece-me que começa a adquirir o hábito de desprezar excessivamente certas coisas. Uma impressão digital já tem levado à prisão e à condenação de um assassino, e não tão poucas vezes como isso.

E também já levou, sem dúvida, ao enforcamento de mais de um inocente redarguiu-me, secamente.

Mas certamente que o estudo de impressões digitais, pegadas e diferentes tipos de lama, assim como outras pistas que compreendem a observação minuciosa de pormenores, certamente que isso é de importância vital, não acha?

Oh, certamente! Nunca disse o contrário. Claro que o observador experiente, o perito, é, sem dúvida, útil. Mas os outros, os Hercules Poirot, estão acima dos peritos! É a eles que os peritos levam os factos. A eles compete estudar o método do crime, a sua dedução lógica, a sequência e a ordem apropriadas dos factos... e, acima de tudo, a verdadeira psicologia do caso. Já caçou raposas, não é verdade?

Sim, cacei um bocado, umas vezes por outras admiti, intrigado com a brusca mudança de assunto. Porquê?

Eh bien, para caçar raposas precisa de cães, não precisa?

Cães de caça corrigi, suavemente. Sim, claro.

No entanto prosseguiu Poirot, de dedo em riste, não desce do seu cavalo e não corre pelo chão a farejar e a soltar sonoros ão-ãos, pois não?

Não pude deixar de me rir descontroladamente. Poirot acenou com a cabeça, satisfeito.

Portanto, deixa o trabalho dos cães... dos cães de caça aos cães de caça. Contudo, exige que eu, Hercule Poirot, me torne ridículo deitando-me (possivelmente em cima de erva molhada) e estudando hipotéticas pegadas! Lembre-se do mistério do expresso de Plymouth. O bom do Japp partiu, para observar a via férrea, e quando voltou eu, que não saíra de casa, fui capaz de lhe dizer exactamente o que descobrira.

Isso quer dizer que, na sua opinião, Japp desperdiçou o seu tempo.

De modo nenhum, uma vez que as suas provas confirmaram a minha teoria. Mas eu, teria desperdiçado o meu tempo, se tivesse ido. Acontece o mesmo com os chamados peritos. Lembre-se do que aconteceu com o perito caligráfico, no processo do Cavendish. Do interrogatório do advogado de acusação resultou um depoimento segundo o qual havia semelhanças; do interrogatório do advogado de defesa resultou um depoimento segundo o qual havia dissemelhanças. Tudo numa linguagem muito técnica. E quais foram os resultados? O que todos já sabíamos de antemão: a caligrafia era muito parecida com a de John Cavendish. À mente psicológica suscita-se a pergunta: «Porquê?» Porque era realmente a caligrafia dele?

Ou porque alguém desejou que pensássemos que era a dele?.

Respondi a essa pergunta, mon ami, e respondi-lhe correctamente.

E, tendo me silenciado, se não convencido, Poirot recostou-se no lugar, com ar satisfeito.

No barco tive o bom-senso de não perturbar a solidão do meu amigo. O tempo estava delicioso e o mar liso como o proverbial espelho. Por isso não me surpreendeu o facto de ouvir dizer que o método de Laverguier dera mais uma vez boas provas, quando Poirot se me reuniu, todo sorridente, ao desembarcarmos em Calais. Esperava-nos uma decepção, pois não tinham mandado nenhum automóvel buscar-nos. Mas Poirot atribuiu isso à possibilidade de o seu telegrama se ter atrasado em trânsito.

Já que temos carte blanche, alugamos um automóvel decidi, alegremente.

Poucos minutos depois lá íamos aos solavancos, na maior chocolateira de aluguer jamais vista, direitos a Merlinville.

Sentia-me com excelente disposição.

Que delicioso ar! Promete ser uma viagem maravilhosa.

Para si, talvez. Quanto a mim, lembre-se de que me espera trabalho, no fim da viagem.

Ora! exclamei, depreciativamente. Descobrirá tudo num instante, assegurará a segurança do tal Mr. Renauld, desmascarará os assassinos potenciais e chegaremos ao fim em glória.

É um sanguíneo, meu amigo.

Estou absolutamente certo do êxito. Não é você o único Hercule Poirot?

Mas o meu amiguinho não mordeu a isca. Observou-me gravemente e disse:

Os Escoceses chamam ley a uma pessoa com a sua disposição, Hastings: pressagia tragédia.

Disparate! Pelo menos você não compartilha os meus sentimentos.

Pois não, mas tenho medo.

Tem medo de quê?

Não sei... Tenho um pressentimento, um je ne sais quoi...

Falava em tom tão grave que me senti impressionado, apesar da minha boa disposição.

Tenho a impressão de que este caso vai ser importante...

um problema longo e inquietante, que não será fácil deslindar acrescentou, devagar.

Tive vontade de o interrogar, mas acabávamos de entrar na cidadezinha de Merlinville e o motorista abrandou, a fim de se informar do caminho para a Villa Geneviève.

É sempre a direito através da cidade. A Villa Geneviève fica cerca de quinhentos metros do outro lado. Não se pode enganar. É uma grande moradia sobranceira ao mar.

Agradecemos ao informador e seguimos o nosso caminho, deixando a cidade para trás. Uma encruzilhada obrigou-nos a segunda paragem. Vinha um camponês em sentido contrário e esperámos que se aproximasse, para perguntarmos de novo o caminho. Do lado direito havia uma moradiazinha, mas era tão pequena e estava em tão mau estado que não podia ser a que pretendíamos. Enquanto esperávamos, a cancela abriu-se e saiu uma rapariga.

O camponês alcançou-nos e o motorista debruçou-se e pediu-lhe a informação desejada.

A Villa Geneviève? Fica apenas uns passos mais acima, nesta estrada, monsieur. Se não fosse a curva, já a via daqui.

O motorista agradeceu-lhe e arrancou. Os meus olhos estavam francamente fascinados pela rapariga, que parara com a mão na cancela, a observar-nos. Sou um admirador da beleza e a jovem possuía-a em tão elevado grau que ninguém poderia passar por ela sem o notar. Muito alta, com as proporções de uma jovem deusa e a descoberta cabeça dourada a brilhar ao sol... Jurei a mim mesmo que era uma das mais belas raparigas que jamais vira. Enquanto subíamos pela estrada irregular, virei a cabeça, para um último olhar.

Meu Deus, Poirot, viu aquela jovem deusa?

Ça commence! exclamou o detective, arqueando as sobrancelhas. Já viu uma deusa e ainda mal começámos!

Mas, com a breca, não era?

Talvez. Não reparei.

Não pode ter deixado de reparar nela!

Mon ami, duas pessoas raramente vêem a mesma coisa.

Você, por exemplo, viu uma deusa, eu... calou-se, hesitante.

Você?

Eu vi apenas uma rapariga com olhos ansiosos respondeu-me, gravemente.

Mas nesse momento parámos defronte de um grande portão verde e soltámos uma exclamação, em uníssono: junto do portão encontrava-se um imponente sergent de ville que levantou a mão para nos barrar o caminho.

Não podem passar, messieurs.

Mas desejamos falar com Mr. Renault! protestei.

Temos uma entrevista... É a moradia dele, não é?

É, sim, monsieur, mas...

Poirot inclinou-se para a frente e perguntou por seu turno: Mas o quê?

M. Renault foi assassinado esta manhã.

## CAPÍTULO III

### Na Villa Geneviève

Num ápice, Poirot saltou do carro, de olhos cintilantes de excitação. Agarrou no ombro do homem e perguntou: Que disse? Assassinado? Quando? Como?

O sergent de ville empertigou-se.

Não posso responder a perguntas nenhumas, monsieur.

Tem razão, compreendo. Poirot pensou uns momentos e por fim inquiriu: O comissário da Polícia está lá dentro, sem dúvida?

Está, sim, monsieur.

O detective tirou um cartão, no qual garatujou algumas palavras.

Voilà! Quer ter a bondade de mandar este cartão ao comissário, imediatamente?

O homem pegou no cartão, virou a cabeça e assobiou. Em poucos segundos acorreu um camarada seu, a quem ele entregou o recado de Poirot. Seguiu-se uma espera de alguns minutos e depois aproximou-se, todo apressado, um homem baixo e forte, de enorme bigode. O sergent de ville fez a continência e desviou-se para o lado.

Meu caro Mr. Poirot! exclamou o recém-chegado.

Encanta-me vê-lo, creia. A sua chegada é muito oportuna.

O rosto de Poirot iluminara-se.

M. Bex! Que grande prazer! Virou-se para mim e procedeu às apresentações: Um amigo meu inglês, capitão Hastings, e M. Lucien Bex.

O comissário e eu inclinámos a cabeça um ao outro, cerimoniosamente, e M. Bex voltou-se de novo para Poirot:

Mon vieux, não o vejo desde aquela vez, em Ostenda.

Constou-me que saiu da Força, é verdade?

É. Trabalho particularmente, em Londres.

E diz que tem informações que nos podem ajudar?

Provavelmente já está ao corrente... Sabia que me tinham mandado chamar?

Não. Quem?

A vítima. Parecia saber que iam atentar contra a sua vida.

Infelizmente chamou-me demasiado tarde.

Sacré tonnerre! praguejou o francês. com que então, ele previu o seu próprio assassinio? Isso transtorna muito as nossas teorias. Mas entrem.

Segurou o portão, entrámos e seguimos na direcção da moradia.

M. Bex continuou a falar:

O juiz de instrução, M. Hautet, tem de ser imediatamente informado. Acabou de examinar o cenário do crime e vai iniciar os interrogatórios. É um homem encantador, gostará dele. Muito compreensivo. Original nos seus métodos, mas excelente juiz.

Quando foi cometido o crime? perguntou Poirot.

O corpo foi descoberto esta manhã, cerca das nove horas.

Os testemunhos de Madame Renauld e dos médicos indicam que a morte deve ter ocorrido cerca das duas da manhã. Mas entrem, por favor.

Chegámos aos degraus de acesso à porta principal da moradia. Estava sentado no vestíbulo outro sergent de ville, que se levantou ao ver o comissário.

Onde está M. Hautet? perguntou-lhe o nosso acompanhante.

Na sala, monsieur.

M. Bex abriu uma porta do lado esquerdo do vestíbulo e entrámos. M. Hautet e o seu escrivão, sentados a uma grande mesa redonda, levantaram a cabeça quando entrámos e o comissário apresentou-nos e explicou a razão da nossa presença. M. Hautet, o juiz de instrução, era um homem alto e magro, de penetrantes olhos escuros e barba grisalha muito bem aparada, que costumava acariciar enquanto falava. De pé junto da chaminé encontrava-se um indivíduo idoso, ligeiramente curvado, que nos apresentaram como Dr. Durand.

Extraordinário! exclamou M. Hautet, quando o comissário acabou de falar. Trouxe a carta, monsieur?

Poirot entregou-lha e o magistrado leu-a.

Hum... fala de um segredo. Que pena não ter sido mais explícito! Estamos-lhe muito gratos, M. Poirot. Espero que nos dê a honra de nos auxiliar nas nossas investigações. Ou tem de regressar a Londres?

Tenciono ficar, Sr. Juiz. Não cheguei a tempo de impedir a morte do meu cliente, mas sinto-me obrigado a descobrir o seu assassino.

O magistrado inclinou a cabeça e afirmou: Esses sentimentos honram-no. Além disso, Madame Renauld desejará, sem dúvida, assegurar-se dos seus serviços. Estamos à espera, de um momento para o outro, de M. Giraud, da Súreté de Paris, e estou certo de que se poderão ajudar mutuamente nas investigações. Entretanto, espero que me dê a honra de assistir aos interrogatórios a que vou proceder. Escusado será dizer que, se precisar de alguma coisa, estou ao seu dispor.

Obrigado, monsieur. Como deve compreender, por enquanto estou completamente às escuras, não sei absolutamente nada.

M. Hautet fez um sinal ao comissário, que contou a história:

Esta manhã, quando desceu para iniciar o seu trabalho, Françoise, a velha criada da casa, encontrou a porta principal aberta. Sentiu-se momentaneamente assustada, receando que tivessem sido ladrões, mas como as pratas continuavam no seu lugar, na sala de jantar, não pensou mais no assunto e disse para consigo que o patrão se devia ter levantado cedo e ido dar um passeio.

Desculpe interromper, monsieur, mas era hábito dele fazer isso?

Não, não era. Mas a velha Françoise pensa, como muita gente, que os Ingleses são doidos e capazes de fazer as coisas mais inesperadas, em qualquer altura. Quando uma criada mais nova, Léonide, foi chamar a patroa, como de costume, ficou horrorizada ao encontrá-la amordaçada e amarrada. Quase ao mesmo tempo chegou a notícia de que fora encontrado o corpo de M. Renauld, apunhalado nas costas.

Onde?

Esse pormenor é uma das características mais extraordinárias do caso. M. Poirot, o corpo estava caído de bruços numa sepultura aberta.

O quê?!

Exactamente. A cova tinha sido aberta de fresco, poucos metros fora dos terrenos da vila.

E há quanto tempo estava ele morto?

Foi o Dr. Durand quem respondeu:

Examinei o corpo esta manhã, às dez horas. A morte devia ter ocorrido pelo menos sete, e possivelmente dez, horas antes.

Isso situa a hora da morte entre a meia-noite e as três da manhã.

Exacto. O depoimento de Madame Renauld situa-a depois das duas da manhã, o que reduz ainda mais a margem. A morte deve ter sido instantânea e, naturalmente, não pôde ser auto-infligida, Poirot acenou com a cabeça e o comissário retomou a palavra:

As aterrorizadas criadas libertaram imediatamente Madame Renauld das cordas que a imobilizavam. Estava num estado de grande exaustão e quase inconsciente, devido à dor que as cordas lhe causavam. Parece que entraram no quarto dois mascarados que a amordaçaram e amarraram, enquanto lhe levavam o marido à força. Soubemos tudo isto indirectamente, pelas criadas, pois ao ouvir a trágica notícia a senhora caiu imediatamente num alarmante estado de agitação. Quando o Dr. Durand chegou administrou-lhe um sedativo e ainda não nos foi possível interrogá-la. cremos, no entanto, que acordará mais calma e poderá suportar a tensão do interrogatório.

O comissário calou-se e Poirot perguntou-lhe: E os habitantes da casa, monsieur?

Há a velha Françoise, a governanta, que serviu durante muitos anos os antigos proprietários da Villa Geneviève, e duas raparigas novas e irmãs, Denise e Léonie Oulard. São de Merlinville e filhas de pais muito responsáveis. Há também o motorista, que M.

Renauld trouxe de Inglaterra, mas que está de folga, e, finalmente, Madame Renauld e o filho, M. Jack Renauld, o qual também se encontra ausente de casa, presentemente.

Poirot agradeceu, com uma inclinação de cabeça.

Marchand! chamou M. Hautet, e acrescentou, quando o sergent de ville acorreu: Traga a Françoise.

O homem fez a continência e saiu, para voltar momentos depois com a assustada governanta.

Chama-se Françoise Arrichet?

Sim, monsieur.

Serve há muito tempo na Villa Geneviève?

Estive onze anos com Madame la Vicomtesse. Depois, quando ela vendeu a moradia na Primavera passada, acedi a ficar com o milorde inglês. Nunca me passou pela cabeça...

O magistrado não a deixou continuar:

Sem dúvida, sem dúvida. Olhe, Françoise, quanto à questão da porta principal, a quem incumbia fechá-la, à noite?

A mim, monsieur. Encarreguei-me sempre disso.

E a noite passada?

Fechei-a como de costume.

Tem a certeza?

Juro pelos benditos santos, monsieur. .

Que horas eram quando a fechou?

As do costume, monsieur, dez e meia.

E as restantes pessoas da casa, tinham-se deitado?

Madame recolhera-se pouco antes. A Denise e a Léonie subiram comigo. Monsieur ainda estava no escritório.

Então, se alguém voltou a abrir a porta, deve ter sido o próprio M. Renauld?

Françoise encolheu os ombros largos.

Porque faria ele semelhante coisa? com ladrões e assassinos por aí, a toda a hora! Monsieur não era idiota. Ainda se tivesse de abrir a porta para cette dame sair...

O magistrado interrompeu-a vivamente:

Cette dame? A que senhora se refere?

Bem, a senhora que vinha visitá-lo.

Veio uma senhora visitá-lo ontem à noite?

com certeza que veio, monsieur... ontem à noite e em muitas outras noites.

Quem era ela? Você conhecia-a?

Alastrou no rosto da mulher uma expressão manhosa.

Como havia de a conhecer? resmungou. Não fui eu que lhe abri a porta, ontem à noite.

Atreve-se a brincar com a Polícia? gritou o magistrado, ao mesmo tempo que dava uma forte palmada na mesa. Exijo que me diga imediatamente o nome dessa mulher que vinha visitar M. Renauld à noite.

A Polícia, a Polícia...resmungou Françoise. Nunca imaginei que me veria envolvida com a Polícia. Mas sei muito bem quem ela era: Madame Daubreuil.

O comissário soltou uma exclamação e inclinou-se para a frente, estupefacto.

Madame Daubreuil... da Villa Marguerite, logo a seguir, na estrada?

Foi o que eu disse, monsieur. Oh, é uma bela prenda, celle-là! exclamou a velha, e abanou desdenhosamente a cabeça.

Madame Daubreuil... murmurou o comissário. Impossível!

Voilà! resmungou Françoise. Aí está o que se ganha em dizer a verdade.

Longe disso interveio o juiz de instrução, apaziguador.

Estamos apenas surpreendidos, mais nada. Então Madame Daubreuil e Monsieur Renauld eram...deixou a frase por acabar, delicadamente. Tem a certeza de que era isso?

Como posso ter a certeza? Mas que havia de ser? Monsieur era milord anglais, très riche, e Madame Daubreuil é pobre, pobre mas très chic, embora viva pacatamente com a filha. Não há dúvida, deve ter tido a sua história! Já não é nova, mas, ma foi, eu que lhes estou a falar tenho visto muitos homens virarem a cabeça para a olhar, quando ela desce a rua!

Além disso, ultimamente tem tido mais dinheiro para gastar, toda a cidade o sabe. E as economiazinhas estavam no fim...

Françoise acenou com a cabeça, num gesto de inabalável certeza.

M. Hautet afagou a barba, pensativamente.

E Madame Renauld? perguntou, por fim. Como aceitava ela essa .. amizade?

Françoise encolheu os ombros.

Mostrou-se sempre muito simpática, muito delicada.

Dir-se-ia que não suspeitava de nada. Mas mesmo assim o coração sofre, não é verdade, monsieur? Dia a dia vi Madame tornar-se mais pálida e mais magra. Já não é a mesma mulher que chegou aqui há um mês. Monsieur também tinha mudado, tinha as suas preocupações. Via-se que estava à beira de uma crise de nervos. E sem caso para admirar, com um romance conduzido de tal modo? Sem reticência, sem discrição... Estilo

inglês, sem dúvida!

Dei um pulo na cadeira, indignado, mas o magistrado continuou com o interrogatório, sem se deixar perturbar por ninharias:

Disse que M. Renauld não precisou de abrir a porta a Madame Daubreuil, não é verdade? Isso significa que ela já tinha saído?

Já, sim, monsieur. Ovi-os sair do escritório e dirigirem-se para a porta. Monsieur deu as boas-noites e fechou a porta.

Que horas eram?

Umaz dez horas e vinte e cinco minutos, monsieur.

Sabe que horas eram quando M. Renauld se foi deitar?

Ovi-o subir a escada dez minutos depois de nós. A escada estala tanto que se ouve quando alguém sobe ou desce.

Não ouviu nenhum ruído estranho durante a noite?

Absolutamente nada, monsieur.

Qual das criadas desceu primeiro, de manhã?

Eu, monsieur. Vi logo a porta aberta.

E quanto às janelas do rés-do-chão, estavam todas fechadas?

Todas! Não havia nada de suspeito ou fora do seu lugar, em lado nenhum.

Muito bem, Françoise, pode ir.

A velha dirigiu-se vagarosa, para a porta mas ao chegar olhou para trás e acrescentou:

Digo-lhe uma coisa, monsieur: a tal Madame Daubreuil é má peça! Oh, sim, as mulheres conhecem-se! Lembre-se das minhas palavras! E Françoise saiu finalmente da sala, a acenar com a cabeça, sensatamente.

Léonie Oulard chamou o magistrado.

Léonie apareceu lavada em lágrimas e um pouco histérica.

M. Hautet soube lidar com ela. O depoimento da rapariga relacionou-se principalmente com o facto de ter encontrado a patroa amordaçada e amarrada, descoberta que relatou com grande exagero de pormenores. Como Françoise, também não ouviu nada durante a noite.

Seguiu-se-lhe a irmã, Denise, a qual confirmou que o patrão mudara muito, ultimamente.

Tornava-se dia a dia mais preocupado. Comia menos, estava sempre deprimido... Mas Denise tinha a sua teoria pessoal: Era com certeza a Mafia que lhe andava no encaço!

Dois mascarados... que outra coisa poderia ser? É um bando terrível!

É possível, claro admitiu o magistrado, benevolmente.

Agora, minha filha, diga-me quem abriu a porta a Madame Daubreuil, ontem à noite? Ontem à noite, não, monsieur, anteontem.

Mas a Françoise acabou de nos dizer que Madame Daubreuil esteve aqui a noite passada...

Não, monsieur. A noite passada veio realmente uma senhora visitar M. Renauld, mas não era Madame Daubreuil.

Surpreendido, o magistrado insistiu, mas a rapariga aguentou firme. Conhecia Madame Daubreuil perfeitamente, de vista.

A senhora que lá estivera na véspera também era morena, mas mais baixa e muito mais nova. Nada conseguiu demovê-la das suas afirmações.

Alguma vez vira essa senhora, antes?

Nunca, monsieur. E a rapariga acrescentou, timidamente: Mas creio que era inglesa.

Inglesa?

Sim, monsieur. Perguntou por M. Renauld num francês muito bom, mas o sotaque... enfim, percebe-se sempre, n'est-ce pás? Além disso, quando saíram do escritório vinham a falar inglês.

Ouviu o que disseram? Isto é, compreendeu o que disseram?

Falo muito bem inglês informou Denise, toda orgulhosa.

A senhora falava demasiado depressa e não conseguiu apanhar o que dizia, mas ouvi as palavras de monsieur, quando ele lhe abriu a porta. Fez uma pausa e depois repetiu, cuidadosamente e macarronicamente, as palavras ouvidas: «Yes... yes... butt for God's saike go nauw!»

Sim, sim, mas pelo amor de Deus agora vá-se embora!

traduziu o magistrado.

Mandou Denise embora e, depois de reflectir um momento, chamou de novo Françoise. Perguntou-lhe se não seria possível ter-se enganado na noite da visita de Madame Daubreuil. Mas Françoise mostrou-se inesperadamente obstinada: tinha sido na noite anterior! Era ela, sem dúvida nenhuma.. A Denise quisera parecer interessante, voilà tout! Por isso inventara a história da senhora desconhecida. Quisera alardear os seus conhecimentos de inglês! Provavelmente Monsieur não dissera semelhante frase em inglês, e mesmo que tivesse dito não provava nada, pois Madame Daubreuil falava inglês na perfeição e geralmente empregava essa língua quando falava com M. e Madame Renauld.

Compreende, M. Jack, o filho de Monsieur, estava geralmente presente e ele fala

muito mal francês.

O magistrado não insistiu. Fez perguntas acerca Só motorista e foi informado de que, na véspera, M. Renauld dissera'-,, que não tencionava utilizar o carro e que Masters pddia gozar uma folga.

Vi uma ruga de perplexidade surgir entre os olhos de Poirot e perguntei-lhe; baixinho: Que é?

Abanou a cabeça, impacientemente, e perguntou por sua vez:

Desculpe, M. Bex, mas M. Renauld sabia guiar o carro, pessoalmente?

O comissário olhou para Françoise, que respondeu sem hesitar:

Não, Monsieur não guiava.

A ruga de Poirot acentuou-se.

Gostava que me dissesse o que o preocupa insisti, por meu turno impaciente.

Então não vê? Na carta que me escreveu M. Renauld dizia que mandaria o carro buscar-me a Calais.

Talvez se quisesse referir a um carro alugado sugeri.

Sim, sem dúvida era isso. Mas para quê alugar um carro quando se tem um? E porquê escolher o dia de ontem para dar folga ao motorista, repentinamente? Desejaria, por qualquer motivo, tê-lo fora daqui, antes de chegarmos?

## CAPÍTULO IV

### A Carta Assinada «Bella»

Françoise saíra da sala e o magistrado tamborilava com os dedos no tampo da mesa, pensativamente.

M. Bex, estamos perante depoimentos directamente contraditórios observou, por fim. Em quem devemos acreditar, na Françoise ou na Denise?

Na Denise respondeu o comissário, decidido. Foi ela que abriu a porta à visitante e, além disso, Françoise é velha e teimosa, além de ser evidente que antipatiza com Madame Daubreuil. Aliás, aquilo que nós próprios sabemos indica que Renauld andava metido com outra mulher.

Tiens! exclamou o juiz de instrução. Esquecemo-nos de informar M. Poirot disso. Procurou entre os papéis que estavam em cima da mesa e por fim estendeu um deles ao meu amigo. Encontrámos esta carta na algibeira do sobretudo do morto.

Poirot pegou no papel e desdobrou-o. A carta estava um tanto ou quanto amarrotada e com sinais de uso e fora escrita em inglês numa caligrafia ainda um pouco imatura:

Queridíssimo:

Porque não escreves há tanto tempo? Continuas a amar-me, não continuas? Ultimamente as tuas cartas têm sido tão diferentes, frias e estranhas, e agora este longo silêncio. Assusta-me.

Ah, se deixasses de amar-me! Mas isso é impossível. Que garota pateta eu sou, sempre a imaginar coisas! Mas se deixasses realmente de amar-me não sei que faria. Talvez me matasse. Não poderia viver sem ti. Às vezes receio que outra mulher se tenha atravessado entre nós. Ela que se acautele... e tu também! Mais depressa te mataria do que consentiria que fosses dela. Falo a sério.

Mas cá estou eu a escrever patéticas, fantasias! Tu amas-me e eu amo-te... sim, amo-te, amo-te, amo-te!

Da que te adora,

Bella

A carta não tinha endereço nem. morada. Poirot devolveuHa, com um ar muito grave.

Daqui deduziram, Sr. Juiz...?

O juiz de instrução encolheu os ombros, ao responder: É evidente que M. Renauld tinha um romance com esta inglesa, com esta Bella. Mas veio para cá, conheceu Madame Daubreuil e iniciou outro romance com ela. Arrefeceu em relação à outra que, acto contínuo, desconfiou de qualquer coisa.

Esta carta contém uma ameaça clara. À primeira vista, o caso pareceu-nos de uma simplicidade extraordinária. Ciúme! O facto de M. Renauld ter sido apunhalado nas costas

indicava claramente tratar-se de um crime de mulher.

Poirot acenou afirmativamente.

A punhalada nas costas, sim... mas a sepultura, não!

Isso foi trabalho aturado, trabalho duro. Não foi uma mulher que abriu a sepultura; é trabalho de homem.

Claro, claro, tem razão! exclamou o comissário, todo agitado. Não tínhamos pensado nisso.

Como estava a dizer prosseguiu M. Hautet , à primeira vista o caso pareceu simples, mas os mascarados e a carta que o senhor recebeu de M. Renauld complicam as coisas.

Parece estarmos perante um conjunto de circunstâncias inteiramente diferentes, sem qualquer relação com as que primeiro se nos depararam. Quanto à carta que lhe foi dirigida, acha possível que se relacionasse em qualquer sentido com a tal Bella e as suas ameaças?

Difícilmente respondeu o detective, a abanar a cabeça.

Um homem como M. Renauld, que levou uma vida aventureira em estranhos lugares, não pediria que o protegessem de uma mulher.

O juiz de instrução acenou com a cabeça, enfaticamente.

Tal qual o que eu penso. Então devemos procurar a explicação da carta...

... em Santiago concluiu o comissário. Telegrafarei sem demora à Polícia dessa cidade, pedindo pormenores completos da vida que a vítima lá levava, dos seus romances amorosos, dos seus negócios, das suas amizades e das inimizades que porventura tivesse. Será estranho se, depois disso, não ficarmos com uma pista para deslindar este misterioso homicídio.

O comissário olhou em seu redor, para ver se os outros aprovavam a sua ideia.

Excelente disse Poirot, em tom apreciador.

A mulher dele talvez nos possa dar também alguma pista sugeriu o magistrado.

Não encontraram outras cartas da tal Bella entre as coisas de M. Renauld? perguntou Poirot.

Não, Claro que uma das primeiras coisas que fizemos foi passar revista aos seus papéis particulares, no escritório. Mas não encontramos nada de interesse, pareceu-nos tudo correcto e insuspeito. A única coisa invulgar, digamos, é o seu testamento.

Aqui o tem.

Poirot leu o documento.

Compreendo. Um legado de mil libras a favor de Mr. Stonor... A propósito, quem é?

O secretário de M. Renauld. Ficou em Inglaterra, mas veio cá passar um ou dois fins-

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Assassinato no Campo de Golfe" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).